

**Nota do Realizador:**

*“Fake Empire” não é um filme fácil de rotular. Tem várias leituras possíveis e todas estão certas. É um ensaio sobre a adolescência, sobre o que a assombra, sobre os seus medos e sobre os seus fantasmas. Não vejo melhor forma de exprimir todas as diferentes coisas que sinto, muito dispareas umas das outras, das consecutivas vezes que olho para o filme. “Fake Empire” constrói-se a si mesmo, como uma sequela espiritual de “O Encoberto”, de um Quinto Império que nunca chega, da genuinidade que se perde pelo tempo que já passou e por tudo o que cresce no tempo que há de vir. Não é um fim da mocidade, mas uma reflexão e introspecção da mesma.*



“Fake Empire or How To Master The Non-Existence” é a segunda curta-metragem de Tomás Barão da Cunha e a primeira produção da recém-criada Incubadora, Distribuidora e Produtora da Nova Geração, Waves Of Youth. É um filme de cariz mais experimental comparado com o anterior e que aborda a temática da adolescência rumo a uma idade maior. É um documentário poético em teoria.

Em “Fake Empire”, o fim da adolescência anunciada. Não uma celebração, mas uma introspecção. A constante repetição dos erros que desejamos que fiquem no passado, mas que teimam em se assumir no presente. A cidade grande e todas as suas virtudes e medos. É a juventude a lutar contra os seus medos e fantasmas. É o crescer e levar às costas o que se aprendeu para lutar contra o que há de vir. É a vida à frente dos nossos olhos, pronta para ser enfrentada, pronta para ser vivida. É a cidade, a juventude, o amor e a solidão.